



**Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**

**Instituto de Estudos da Linguagem**

Iniciação Científica

**A BRASILIDADE RETRATADA EM *MACUNAÍMA, O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER*, DE MÁRIO DE ANDRADE.**

Ana Beatriz David de Andrade. RA: 193758

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano.

Vigência: janeiro de 2020 a agosto de 2020.

### **1.RESUMO**

O projeto visa analisar como Mário de Andrade, um dos líderes do movimento literário modernista de 1920, retrata a brasilidade em sua obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Tal estudo é importante, pois a brasilidade é tida como o meio pelo qual o Brasil conseguiria construir uma cultura própria e, assim, construir um auto-retrato e ser inserido no mundo moderno, no qual os países europeus já estavam inseridos.

### **2.OBJETIVOS**

Este projeto teve como objetivo geral estudar a representação da brasilidade por Mário de Andrade no livro *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, considerando o contexto da década de 1920 e os ideais modernistas. Esse objetivo geral se dividiu em vários específicos, apresentados no relatório final do projeto.

### **3.INTRODUÇÃO**

Mário de Andrade foi um dos líderes do movimento literário denominado “modernista” na década de 1920 no Brasil, o qual propunha uma “renovação no domínio da produção artística” (MORAES, 1988, p. 221), uma modernização nas artes no país, utilizando-se de uma mediação nacional para isso. Essa época foi influenciada pelo pós-Primeira Guerra Mundial, que alterou profundamente o quadro internacional, pois resultou em uma grande crise de valores na Europa e na imagem de decadência desta. Essa alteração atingiu também o Brasil, que foi obrigado a encarar seus problemas, colocando como elemento central o problema da identidade nacional. Para isso, os intelectuais brasileiros assumem uma espécie de missão: “encontrar a identidade nacional, rompendo com um passado de dependência cultural” (VELLOSO, 1993, p. 90). Dessa forma, a arte não seria mais sobre a subjetividade dos artistas, mas sim uma maneira de interferir na organização da sociedade, uma vez que o mito cientificista do progresso indefinido, ao ser desmascarado na guerra, cedeu espaço à definição de arte como o “saber mais capaz de apreender o nacional e, portanto, o mais apto

para conduzir a organização do país” (VELLOSO, 1993, p. 91). Ademais, Moraes defende que o movimento modernista não deve ser entendido somente no âmbito dos elementos literários e artísticos, mas em um âmbito mais amplo, uma vez que “suas manifestações se fizeram sentir no quadro geral da cultura brasileira” (MORAES, 1978, p.12). Esse movimento modernista, caracterizado por Mário de Andrade como “essencialmente” e “especificamente destruidor” (ANDRADE, 1942, p. 40-41) foi dividido em duas fases. A primeira fase foi de 1920 a 1924 e propunha uma renovação no domínio da produção artística, com a ideia de que o moderno deveria corresponder ao cenário atual de movimento, industrialização, novas tecnologias e, assim, deveria descartar o antigo. Não era uma ideia de que a produção passada deveria ser desqualificada, mas sim que ela não dizia mais respeito ao atual; o que implica, portanto, em uma atualização da tradição. Assim, o pretendido era uma inserção imediata do Brasil na modernidade universal, pensada pelos autores a partir de uma absorção do país dos meios expressivos novos, importados a partir de padrões europeus. Entretanto, isso não ocorreu de forma imediata, e essa frustração deu início ao que Moraes (1988, p. 227) chama a segunda fase do modernismo, a partir de 1924. A segunda fase, então, começa com um interesse pelos problemas relacionados à determinação da entidade nacional. Assim, continuava com a proposta de renovação no domínio da produção artística, porém agora em conjunto com uma nacionalização das fontes de inspiração da arte brasileira, com buscas no folclore e nas lendas populares, dando enfoque a não somente aderir ao que era concebido como moderno, mas a aderir apresentando-o como necessariamente nacional (Moraes, 1988, p. 221).

Para tal representação da nacionalidade, investe-se no compromisso entre a cultura atual e a tradição, propondo-se uma compatibilização entre elas. Assim, somente “através da solução que busca fundar a cultura nacional nova em um registro de temporalidade próprio, nacional, onde também se abriga o passado, é que se poderá pensar o ingresso na produção cultural do país no concerto das nações cultas.” (MORAES, 1988, p.231). Dessa forma, deveria haver uma substituição na importação de padrões culturais por uma produção de modelos culturais próprios e adequados à exportação, isto é, o reconhecimento no plano internacional, como propõe Oswald de Andrade.

Assim, sobre o modernismo, Andrade relata em 1929 por meio de sua crônica para o Diário Nacional que “parece incontestável que nós estamos atravessando um momento muito importante da nacionalidade, principalmente pelas possibilidades que ele tem de despertar no povo brasileiro uma consciência social de raça, coisa que ele nunca teve”, o que caracteriza uma inconsistência de caráter do brasileiro, como defende Moraes (1988, p. 236). Essa inconsistência de caráter, que seria típica da brasilidade, pode ser vista e levada ao extremo - devido à sua “falta” - na obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade. Este tinha como interesse buscar e retratar uma brasilidade autêntica, o verdadeiro caráter do brasileiro, como ele mesmo aponta no primeiro prefácio da obra mencionada: “O que me interessou por *Macunaíma* foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros.” (ANDRADE, 1926, p. 186)

#### **4.RESULTADO/DISCUSSÕES.**

A brasilidade de Andrade foi proposta a partir de relatos de Koch-Grünberg, um etnógrafo alemão, acerca de lendas coletadas por ele em sua viagem entre Roraima e Orinoco, especialmente para o rio Branco (do norte do Amazonas ao sul da Venezuela), com destaque para a lenda “*Makunaima*”, narradas por Akúli, índio arekuná, e Mayuluaiípu, índio taulepangue. Além do proposto por Grünberg, o próprio Andrade viajou pelo norte do Brasil, coletando lendas e mitos da “mentalidade primitiva” (FARIA, 2006, p. 270). Ele objetivava “moldar uma solução artística e literária para a construção de uma cultura própria para o Brasil” (CARVALHO, 2016, p.679). Sendo assim, o autor tentou retratar essa “entidade

nacional do brasileiro” ou simplesmente “brasilidade” em seu livro paradoxal, visto que é representada pela falta de caráter. Tal falta se deve ao fato de não haver uma civilização própria e uma consciência tradicional, o que resulta na falta de caráter psicológico e, por consequência, na falta de caráter moral. Essa conclusão é apresentada pelo próprio Andrade no primeiro prefácio da obra, de 1926, contido na edição de Macunaíma da Coleção Folha de São Paulo de 2008. Esse é um dos pontos no qual o Brasil se diferencia “dos franceses, dos jorubas e dos mexicanos”, que teriam uma civilização própria e uma consciência de séculos, consoante Andrade. Assim, o escritor postula que vêm nossa gatunagem sem esperteza, o desapareço à cultura verdadeira, o improviso, a falta de senso étnico nas famílias. Também, ainda no prefácio de 1926 e também no de 1928, Andrade coloca que a brasilidade é representada pela sensualidade e pela pornografia, uma “pornografia desorganizada”, uma vez que elas são tão presentes na documentação obscena das lendas, dos livros religiosos, das literaturas rapsódicas e do cotidiano nacional. Ele postula que ela é outro ponto no qual o Brasil se diferenciaria “dos franceses de sociedade, dos gregos filosóficos, dos indianos especialistas, dos alemães científicos, dos turcos poéticos”, pois estes possuiriam uma pornografia com caráter étnico; enquanto aquele, desorganizada. Nas duas vezes em que Andrade, no prefácio de 1926, apontou que o Brasil se diferenciava de outras civilizações, parece-nos que revela a necessidade de uma literatura brasileira propriamente dita. Isso porque, se o país é tão diferente dos outros países da Europa, em pontos essenciais, questionamos como seria possível uma literatura brasileira pautada somente em uma literatura de outros países, sobretudo da Europa. Isso parece ser coerente com o que Andrade e o movimento com o qual ele se relacionava, o modernismo, defendiam, ao proporem uma literatura brasileira de fato, com elementos brasileiros. Ainda sobre a falta de caráter de Macunaíma, ela poderia ser explicada também pelo fato de ele ser uma mistura, uma junção dos povos que compuseram o Brasil, como pode ser visto na referência do livro à “super-ideologia das três raças”, segundo a terminologia de Daniel Faria (2006, p. 92), quando o herói era indígena e negro e depois, magicamente, ao se banhar em uma pegada de São Tomé, torna-se branco. Entretanto, embora branco de pele e nos hábitos, sua alma não é europeia, mas uma mistura de tudo, como defende Proença (1974, p.20). Esse autor também postula que Macunaíma não era somente um “grande mal”, conforme a etimologia de seu nome, mas oscilava entre o bem e o mal, sendo alguém múltiplo.. Outrossim, como postula Faria (2006), o herói é ambíguo, sendo um possível redentor, mas também um instaurador de desordem, encantador e mentiroso, dono de um repertório místico e também de vícios.

Ademais, Moraes (1978) coloca que a origem da alma brasileira - portanto, da brasilidade - se deu com a síntese dos traços fundamentais de três raças e três gênios diferentes: o indígena, o africano e o português. Outra autora que discute a ambiguidade de Macunaíma é Gilda de Mello e Souza, em *O Tupi e o Alaúde- uma interpretação de Macunaíma*, de 1979, segundo o qual o herói é vencido e vencedor, faz da fraqueza sua força, faz do medo sua arma, da astúcia o seu escudo. Também, ainda segundo Souza, ele poderia representar tanto o homem brasileiro quanto o venezuelano (sul-americano) quanto o homem moderno universal, sendo ambíguo e propondo sempre leituras alternativas. Ambiguidade essa não somente física e psicológica, mas também cultural. Vê-se, assim, que Andrade não se centraliza somente no indígena. Pelo contrário, segundo aponta a edição da Folha de São Paulo de 2008 de Macunaíma, Andrade relata em sua carta aberta a Raimundo Moraes, “Macunaíma” era um ser restrito ao extremo-norte, todavia o interesse do escritor era “um bocado maior que esses limites” (ANDRADE, 2008, p.199). Tendo em vista tamanha preocupação, ele não se restringiu às informações de Koch-Grünberg e às suas acerca do Norte, mas utilizou informações de vários “contadores” do Brasil (ANDRADE, idem), usando, para isso, a colaboração estrangeira e o aproveitamento dos outros sobre o Brasil -segundo prefácio, em 1928 (ANDRADE, 2008, p.192). Com isso, Andrade projetou Macunaíma em uma forma e

em um ambiente indígenas, porém com costumes inventados por ele e de várias classes de brasileiros, e não de índios propriamente ditos, o que faz sua obra ser pautada por “tudo o que lhe pareceu coerente para a produção de uma obra brasileira atual, muitas vezes visionária. Apropriação, intertextualidade, diálogo da criação, antropofagia.” (LOPEZ, 2013, p.151). Nesse sentido, Gilda de Mello e Souza (1979, p.11) defende que *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* seria uma combinação de textos preexistentes - uma tradição oral e escrita, popular e erudita, europeia e brasileira -, mas não sendo caracterizado como uma mimesis e sim um processo inventivo, visto que altera quase todo fragmento. Esse fato é trabalhado por Cavalcanti Proença, em seu livro *Roteiro de Macunaíma*. Nele, um dos autores que Proença mais destaca como fonte no livro de Andrade é Barbosa Rodrigues, em sua obra *Poranduba Amazonense*. Rodrigues se debruça sobre lendas e cantigas indígenas, defendendo que aquelas revelam como esses seriam um povo primitivo, porém intelectual (p. II da “Advertência”), com conhecimentos astrológicos, zoológicos, botânicos, mitológicos, etc. Assim, pode-se ver “quanto acima do bruto estavam os nossos selvagens, quando se descobriram suas terras, e quão injustas foram as perseguições que sofreram, quando a pretexto de barbaria, eram arrastados ao cativeiro e á morte.” (p.143). Sua visão, dessa maneira, mostra-se positiva em relação aos indígenas e sua cultura, isto é, ele não culpabiliza esses pelos possíveis problemas do Brasil. Um outro livro que serviu de fonte para Andrade foi *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, de Paulo Prado, a quem, inclusive, Mário dedica *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Prado vai na direção oposta a Rodrigues, revelando uma visão negativa acerca dos indígenas e dos negros. Embora critique os portugueses, com desejos reprimidos dentro de si na sociedade europeia e depois desenfreados ao chegarem no Brasil, ele culpa os costumes e mulheres indígenas, além do clima do Brasil, como colaboradores desse sexualismo exacerbado. Além do sexualismo exacerbado, Prado coloca que a cobiça foi um traço latente no início do Brasil. O resultado da luxúria e da cobiça foi um povo triste, com propensão melancólica, vivendo em uma terra radiosa, deixando traços no caráter brasileiro. Por fim, como última característica do brasileiro, Prado aponta o romantismo, isto é, a invocação dos discursos e das belas palavras, dando um aspecto anacrônico ao Brasil, de gente viva falando uma língua morta.

## 5.CONCLUSÃO

Dessa forma, vê-se que Mário de Andrade, um dos líderes do movimento modernista, tinha como objetivo estudar e encontrar a entidade nacional brasileira, ou brasilidade, como uma forma de conseguir inserir o Brasil no mundo moderno. A fim de constatar essa brasilidade, ele se voltou às fontes e lendas populares e indígenas, a partir de relatos etnográficos do alemão Koch-Grünberg, dele próprio e de muitos outros estudiosos do Brasil. A partir desses estudos, Andrade colocou a “brasilidade” representada pela falta de caráter. Essa falta se deve ao fato de não haver uma civilização própria e de uma consciência tradicional, resultando na falta de caráter psicológico e, conseqüentemente, na falta de caráter moral. Além disso, outro fator que colaboraria para essa falta é o fato de Macunaíma se constituir por uma junção de povos que compuseram o Brasil: portugueses, indígenas e africanos, o que é representado na supracitada “super-ideologia das três raças” de Daniel Faria (2006, p.92). Mais do que isso, por representar não somente o brasileiro, mas também tanto o venezuelano quanto o homem moderno universal, conforme o que já foi explicado com base em Souza.

Por fim, um último fator que observamos é que a falta de caráter e, portanto, a caracterização da brasilidade, dão-se em uma zona de ambigüidade, uma vez que o livro é composto de várias lendas e textos preexistentes, sendo dois deles principais, de acordo com Proença, na obra *Roteiro de Macunaíma* e de acordo com Andrade, em seus prefácios e na dedicatória de seu livro: *Poranduba Amazonense*, de João Barbosa Rodrigues, e *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira*, de Paulo Prado. O primeiro com uma visão mais positiva acerca

dos indígenas, enquanto o segundo, mais negativa. Sendo assim, essas duas visões antagônicas colaborariam para o caráter paradoxal e ambíguo de Macunaíma. Entretanto o estudo em específico sobre como essas duas obras influenciaram a construção da brasilidade não entra no escopo dessa pesquisa, mas se desdobra em outra, a qual já pretendemos iniciar este ano.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, de M. Macunaíma o herói sem nenhum caráter. Edição Crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopez. Coleção Arquivos, vol. 6, Brasília, DF: Unesco, 1988.

\_\_\_\_\_. Entrevistas e depoimentos. Organização por Telê Porto Ancona Lopez. Série 1 Estudos Brasileiros, vol. 5, São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

\_\_\_\_\_. Macunaíma o herói sem nenhum caráter. Coordenação e organização por Folha da Manhã S/A. Coleção Folha: Grandes Escritores Brasileiros, Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

\_\_\_\_\_. O movimento modernista: conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942 / Mario de Andrade. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=64439&opt=1>. Acesso em: 10/04/2019

\_\_\_\_\_. Pequena história da música. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2015. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/49717898/pequena-historia-da-musicamario-de-andrade>. Acesso em: 21/04/2020.

BRASIL: 1o. tempo modernista - 1917/29 documentação. Coautoria de Marta Rossetti Batista. São Paulo, SP: USP/Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. 459 p., il. (Publicações do Instituto de Estudos Brasileiros, 26).

CARVALHO, A. F. Theodor Koch-Grünberg e a cultura brasileira. Gragoatá, Niterói, n. 41, p. 665-685, 2. sem. 2016.

FARIA, D. Makunaima e Macunaíma. Entre a natureza e a história. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 26, n. 51, p. 263-280, 2006.

\_\_\_\_\_. O mito modernista. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/25927349/O\\_mito\\_modernista](https://www.academia.edu/25927349/O_mito_modernista). Acesso em: 10/08/2019.

LOPEZ, A. T. O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. Manuscrita, São Paulo, n. 24, p. 151-161, 2013.

\_\_\_\_\_. Mario de Andrade: ramais e caminho. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1972. 267p., il.

\_\_\_\_\_. Mariodeandradiando. São Paulo, SP: Hucitec, 1996. 127 p. ISBN 8527102463 (broch.).

MORAES, de J. E. Modernismo Revisitado. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 220-238, 1988.

\_\_\_\_\_. A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1978. 193 p. Bibliografia: p. 171-193.

PRADO, P. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/pauloprado.pdf>. Acesso em: 20/03/2020.

RODRIGUES, J. B. Poranduba Amazonense ou Kochiyama-uara porandub. Disponível em: [https://www.ufpe.br/documents/1334653/1334918/rodrigues\\_1890\\_poranduba.pdf/919bfa8e91ba-4afb-80fb-25f729ac9669](https://www.ufpe.br/documents/1334653/1334918/rodrigues_1890_poranduba.pdf/919bfa8e91ba-4afb-80fb-25f729ac9669). Acesso em: 12/03/2020.

SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1979. 105p.

VELLOSO, P. M. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.